

Vol. II

Memórias da Freguesia de Santa Maria de Marvão

Coordenação de Jorge de Oliveira



Memórias
da Freguesia
de Santa Maria
de Marvão

Vol. II

Memórias da Freguesia de Santa Maria de Marvão

Vol. II

Coordenação de
Jorge de Oliveira

ابن مروان
IBN MARUÂN
Revista Cultural do Concelho de Marvão

Câmara Municipal de Marvão/Edições Colibri

Título
**MEMÓRIAS DA FREGUESIA DE
SANTA MARIA DE MARVÃO**
(Número especial 2026 da Revista <<IBN MARUÁN>>)

Vol. II

Edição
Câmara Municipal de Marvão / Edições Colibri

Coordenação
Jorge de Oliveira

Cada artigo é da responsabilidade exclusiva dos seus autores

Design Gráfico e Paginação
Veludo Azul, Audiovisuais e Comunicação Lda.

Tratamento Gráfico da Capa
Raul Ladeira

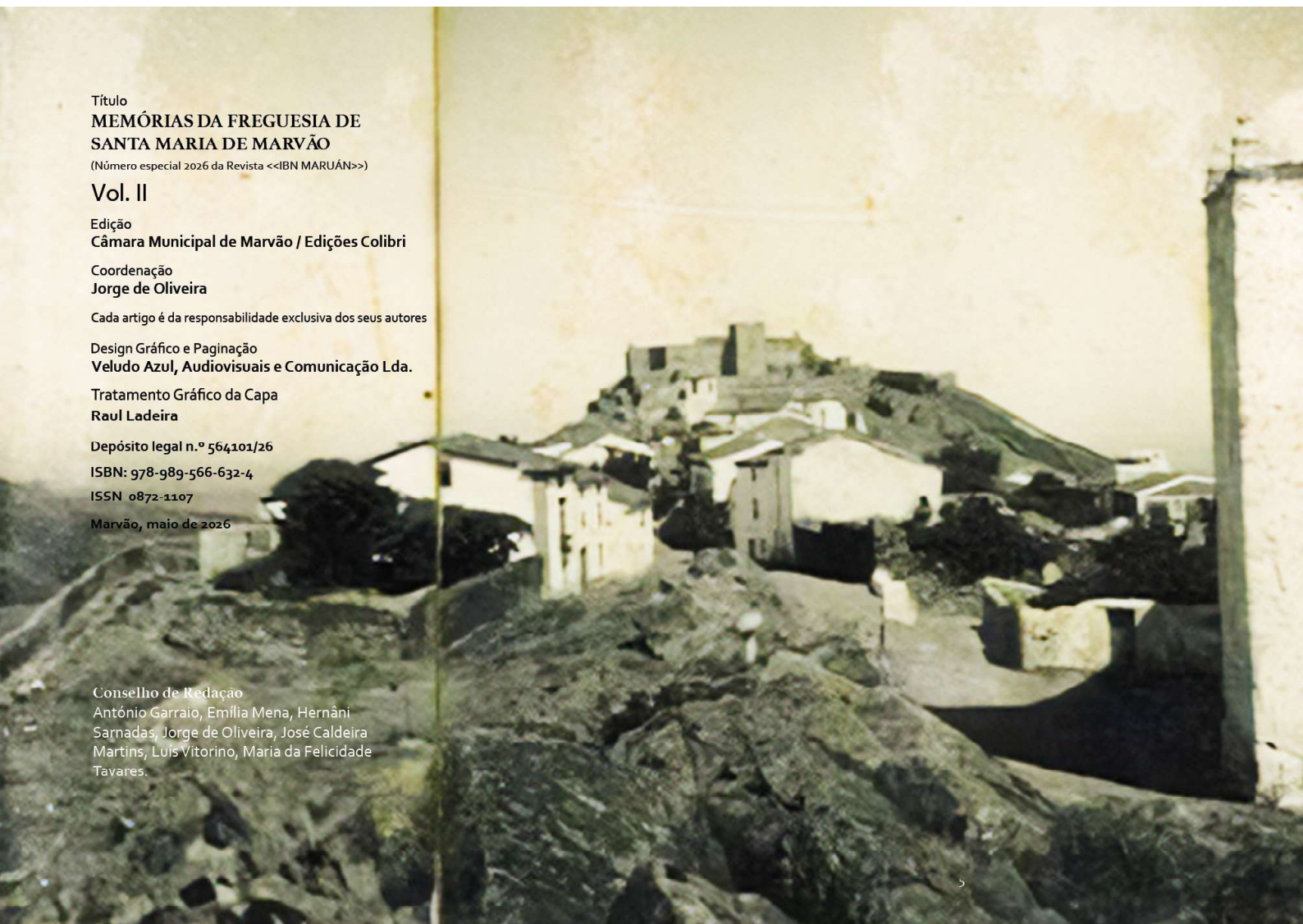
Depósito legal n.º 564101/26

ISBN: 978-989-566-632-4

ISSN 0872-1107

Marvão, maio de 2026

Conselho de Redação
António Garraio, Emília Mena, Hernâni
Sarnadas, Jorge de Oliveira, José Caldeira
Martins, Luís Vitorino, Maria da Felicidade
Tavares.





Ibn Maruán

Jorge de Oliveira
Universidade de Évora, CHAIA

PARA A HISTÓRIA DO MEMORIAL A IBN MARUÁN DE JOÃO CUTILEIRO

Eleva-se em Marvão a última escultura pública de João Cutileiro.

Entre o convite inicial, a que se seguiu um longo processo negocial, depois a subsequente fase criativa e por fim a complexa montagem da obra às portas do Castelo de Marvão, decorreram 14 anos. Quando nos inícios do sec. XXI se davam os primeiros passos para a primeira candidatura de Marvão a Património da Humanidade entendeu a edilidade que esta vila deveria resgatar a memória do seu fundador, o cordovês Ibn Maruán, à semelhança do que Cidade de Badajoz acabava de fazer. Em 2003, Badajoz prestava homenagem ao seu fundador através de uma escultura em Bronze da autoria de Estanislao García, erguida na fortificação que Ibn Maruán reconstruiu. Nesse mesmo ano o Presidente da Câmara de Marvão sabendo que eu era amigo do escultor João Cutileiro pediu-me para que junto do artista avaliasse a sua disponibilidade para criar uma peça evocativa do fundador de Marvão a instalar no Castelo. Tal como me foi solicitado assim o fiz. Na casa do escultor, tendo por companheiros um queijo de Nisa e uma garrafa de tinto sobre a mesa o entusiasmo do João era contagiante. Começou logo a imaginar um bravo guerreiro mouro de cimitarra na mão, montando um fogoso cavalo, no cimo duns penhascos onde se iria erguer o castelo de Marvão. Queria saber se existia alguma imagem original do Ibn Maruán, como eram as vestes no século IX, como se ajazava um cavalo nessa altura, como seriam as esporas, eu sei lá quantas perguntas me fez... e eu bem lhe tentava explicar que a minha especialidade era Pré-História e não História Medieval e que desses temas pouco sabia. Quando no prato do queijo já nada restava e a garrafa já ia a meio despedi-me com a promessa que iria procurar na minha biblioteca informações sobre Ibn Maruán e do que soubesse logo lhe diria. No fim da tarde do dia seguinte o telefone toca e alegremente ouço dizer: "Jorginho estás em casa? Posso passar por aí?" Poucos minutos depois abro a porta ao João e ambos começamos a folhear os livros de História Medieval que, entretanto, já tinha retirado das estantes. Algumas imagens de cavaleiros medievais, mas maioritariamente cristãos ainda descobrimos. Contudo, imagens de Ibn Maruán, obviamente que não existiam, para além da que em Badajoz nesse ano se tinha

inventado. Depois de umas horas de conversa, bem regada, e de termos vasculhada a ainda insipiente internet chegámos à conclusão de que Ibn Maruán, como seria de esperar, não se fez representar. Quando a noite se anunciava e à porta da minha casa o artista se despedia disse-me: “Se não existem imagens de Ibn Maruán mais liberdade tenho, ainda bem! Diz lá ao teu Presidente que aceito o desafio!”.

Na semana seguinte, em Marvão, informo o Presidente que João Cutileiro aceitava o desafio de produzir uma peça evocativa do fundador de Marvão. Pede-me que agende uma reunião com o artista, em Marvão, para se tratar do assunto.

No dia 3 de março de 2003, saía de Évora com o João Cutileiro e a Margarida Lagarto e às 10h30m chegávamos a Marvão. Durante a viagem muito se falou de Ibn Maruán, mas mais ainda da re-ereção do Menhir da Meada. Queriam os artistas saber que técnicas utilizamos, dez anos antes, para a sua recuperação e como se tinha conservado o maior menhir da Península Ibérica. Combinámos, então, que depois da reunião em Marvão iríamos até Castelo de Vide ver o mais antigo menhir do Mundo. Esperava-os à porta da Câmara de Marvão o Presidente que convidou o casal a entrar nos Paços do Concelho. Quando me aprontava para também participar na reunião, o eleito, acompanhado por um seu assessor, disse-me que se tratava duma reunião privada e que aguardasse cá fora. As expressões faciais do casal de artistas evidenciaram o desconforto que a situação gerou. O João, então, virando-se para trás disse-me: “Depois vamos almoçar os três!”.

Cerca de uma hora decorrida encontro-me com o João e com a Margarida no Museu Municipal de Marvão. O entusiasmo prévio parecia ter-se dissipado e o semblante, especialmente do João, era algo carregado, a condizer com esse dia cinzento de março. Perguntei-lhes como tinha corrido a reunião. Respondeu-me o artista com um encolher de ombros seguido de “onde vamos almoçar? e depois vamos ver o menhir?”. A viagem até Castelo de Vide, onde almoçámos, foi estranhamente silenciosa e eu não me atrevi, nessa altura, a mais nada perguntar, até porque a reunião, tal como disse antes o Presidente era “privada”. Já à mesa, enquanto aguardávamos que nos servissem o almoço, lá tentei saber se o monumento a Ibn Maruán era mesmo para avançar. Um lacónico “depois conto-te” saiu da boca do artista e o almoço foi estranhamente silencioso, coisa inabitual entre velhos amigos. Reconheci, pois, que a reunião não teria corrido como o escultor esperava e não voltei a tocar no assunto. Seguimos depois para o Menhir da Meada e o homem que havia projetado o fálco monumento ao 25 de Abril, em Lisboa, ao aproximar-se do grande menhir, deslumbrado, apenas disse: “Porra, este é muito maior do que o do Parque Eduardo VIII”

O fim do dia anunciava-se e regressámos a Évora. Na volta um estranho silêncio contrastava com o entusiasmo que se sentia na viagem da manhã. Deixei os artistas na sua casa e à despedida o João voltou a dizer-me “Depois conto-te!” mas nunca me contou!

Algum tempo depois o Presidente da Câmara pediu-me para ver se conseguia convencer o escultor a oferecer a peça que teria imaginado para instalar no Castelo de Marvão porque, segundo ele, seria muito dignificante para João Cutileiro ter uma escultura sua na vila que se propunha candidatar a Património Mundial. Percebi, então, qual teria sido, provavelmente, a razão do insucesso da reunião a que não me foi permitido assistir. Por não me sentir confortável com a missão não procurei de imediato o artista. Passado algum tempo encontrei-me com João Cutileiro num restaurante que ambos costumávamos frequentar. Durante o almoço, de uma forma muito diplomática, transmiti o pedido que me tinha sido solicitado. Com uma gargalhada respondeu-me o consagrado escultor: “diz lá ao teu Presidente que todas as terras classificadas em Portugal já têm uma escultura minha e enquanto Marvão não a tiver não será Património Mundial!”. De uma forma muito lacónica transmiti ao eleito de Marvão que o artista iria pensar no assunto!

Durante vários anos não ouvi nenhuma das partes falar do tema. Entretanto o processo de candidatura de Marvão a Património Mundial, no qual se inseria a pretendida obra a solicitar a João Cutileiro, não teve sucesso e provavelmente, também por essa razão, o memorial a Ibn Maruán ficou a hibernar. Passou tempo, realizaram-se eleições, mudou a equipa autárquica e retomou-se o processo de candidatura da Fortaleza de Marvão a Património Mundial inserida no projeto conjunto das Fortalezas Abaluartadas da Raia, por sugestão da Comissão Nacional da UNESCO, com outros promotores e renovada equipa. Com outra motivação a candidatura recomeça e o novo presidente da autarquia pede-me para avaliar se João Cutileiro estaria disposto a retomar o processo criativo conducente à instalação em Marvão dum memorial a Ibn Maruán. À volta de outro queijo de Nisa e nova garrafa de tinto o João, ao início ainda algo renitente, diz-me que sim. Acerta-se, então, uma reunião entre o Presidente da Autarquia e o Escultor, no seu atelier em Évora, onde se discutem ideias, volumetrias e possíveis locais de implantação da peça que o João já tinha em mente. Nessa reunião ainda não se falou de valores, esse assunto ficaria para reuniões posteriores, nas quais o reconhecido artista apresentaria diferentes propostas, com consequentes diferenças de valor. Às reuniões imediatamente subsequentes não assisti, nem do seu conteúdo tenho conhecimento, mas numa tarde de verão, de 2015 telefona-me João Cutileiro para me convidar a ver a maquete da peça que tinha projetado para Marvão. Dirigi-me ao seu atelier onde o artista me esperava entusiasmado com a sua obra. De imediato disse-me: “anda lá ver se gostas deste Ibn

Maruán!”. Orgulhosamente, conduz-me a uma bancada no meio do pátio onde estava a maqueta da peça que se propunha realizar. Sorridente, volta a perguntar-me se gosto. Obviamente que, de imediato, me apaixonei logo ali pela peça. “Mas não tem a cimitarra na mão, como tu tinhas imaginado anteriormente” comentei eu. Ao que me respondeu “Este é o Ibn Maruán, não o Giraldo do terror!”. Apenas sorri e dei-lhe um abraço de parabéns! Levou-me depois para outro local onde se acomodavam várias pedras. Mostrou-me as diferentes rochas e disse-me, “o corpo do cavaleiro vai ser neste travertino que veio do Irão, parece-me que os Maruán são originários de lá, gostas da pedra?”, a que se seguiu uma gargalhada! Limitei-me a comentar, “Do Irão, do Irão, só tu!”. Acertado o valor, 50000€ acrescido de IVA, lançado o projeto a obra começa a ganhar volume e cada vez que visito o seu atelier o Ibn Maruán, montado no seu cavalo, gradualmente ganha volume. Infelizmente, por motivo de doença, não consegui acompanhar a fase final da obra, nem a sua montagem em Marvão. Mas, em 2017, quando o artista, também já ele já muito doente, se encontrava em Marvão a dirigir a montagem do memorial a Ibn Maruán telefona-me a pedir que lhe envie as fotografias que fizera durante a criação da peça porque tinha dúvidas quanto ao posicionamento de dois blocos de calcário. Concluída a montagem do memorial volta a telefonar-me para me dizer, “Jorginho, o Ibn Maruán já voltou a Marvão!”. Foi já com muita dificuldade, devido ao avançar da sua doença crónica, que João Cutileiro, acompanhado pela mulher, a artista Margarida Lagarto, dirigiu a montagem, no local que ele sempre idealizara, do memorial a Ibn Maruán. Faltava, contudo, uma lápide de identificação na base da peça. Para combinar o que deveria ser escrito nessa lápide fui ter com o autor à sua casa de Évora onde o encontrei já muito debilitado. Com uma respiração muito ofegante disse-me que queria algo muito simples. Sugeri-lhe, então, que se escrevesse apenas, “A Ibn Maruán, fundador de Marvão”. Concordou com a minha sugestão e assim foi gravado, em chapa metálica, implantada na base do monumento. Porque a sua saúde se deteriorara João Cutileiro não esteve presente na cerimónia de inauguração do monumento, ocorrida no primeiro dia da *Al Mossassa*, a 6 de outubro de 2017. Perante os eleitos locais, diversos convidados e vasto público descerraram a lápide – o Presidente da Câmara Municipal de Marvão, o Eng. Vítor Frutuoso e o Presidente da Entidade Regional de Turismo, Dr. António Ceia da Silva.

Marvão pode agora aguardar pelo galardão da UNESCO, tal como vaticinava João Cutileiro!

O memorial a Ibn Maruán, instalado em Marvão, foi assim, a última obra pública do genial artista João Cutileiro. O Doutor João Cutileiro viria a falecer aos 83 anos, no dia 5 de janeiro de 2021.



Visita ao Menhir da Mcada de João Cutileiro c Margarida Lagarto em 11/03/2003



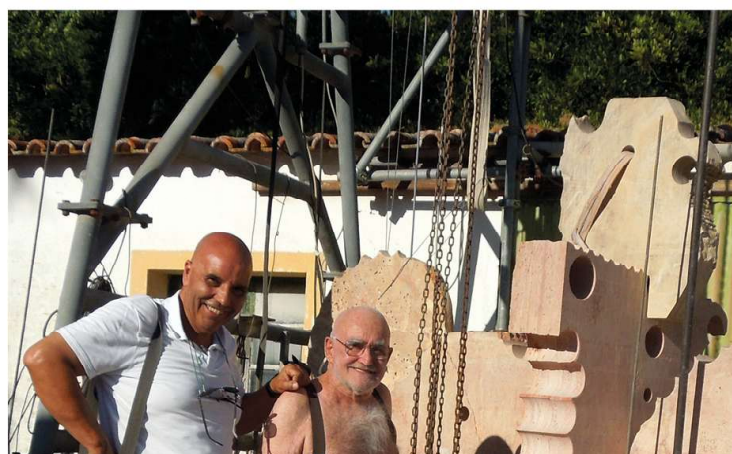
Primeira maqueta em janeiro de 2016



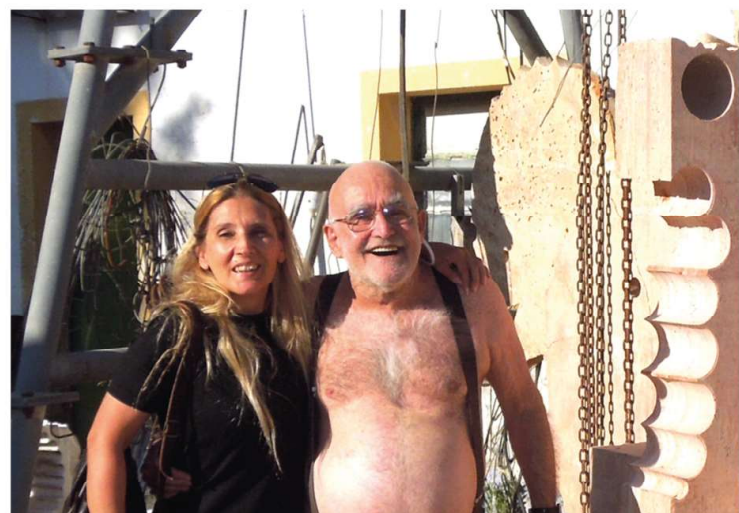
João Cutileiro junto à segunda maqueta em Maio de 2016



Escolha das pedras em Maio de 2016



Visita ao mestre e à obra em 16 /08/ 2016



O Mestre João Cutileiro com Filomena Torres junto ao memorial em construção



O Mestre João Cutileiro junto à peça no seu estúdio





320



321



322



O Mestre João Cutileiro coordena a montagem do Memorial a Ibn Maruán

323



324



325



Mestre João Cutileiro junto da equipa que montou o Memorial em Marvão no final dos trabalhos no dia 8 de agosto de 2017



Inauguração do Memorial a 6 /10/ 2017





Intervenção do Sr. Presidente da Câmara no ato de inauguração.

328



Descerrar da placa identitária por parte do Sr. Presidente da Câmara Municipal de Marvão, Eng. Vitor Frutuoso e pelo Sr. Presidente da Entidade Regional de Turismo, Dr. António Ceia da Silva.



329

Ibn Maruân

Jorge de Oliveira
Universidade de Évora, CHAIA



O CHAFURDÃO DO JARDIM DA IGREJA DE SANTIAGO

Quem visita o pequeno e cuidado jardim que se abre em frente à Igreja de Santiago de Marvão depara-se com uma construção circular de pedra seca e cobertura de falsa cúpula revestida por terra. Trata-se dum chafurdão. As pedras que o formam apresentam-se hoje revestidas por abundantes musgos e líquenes aparentando tratar-se duma construção muito antiga. Na verdade, este chafurdão foi edificado nos inícios da década de noventa do século XX, quando promovemos, em colaboração com o Parque Natural da Serra de S. Mamede, dirigido por Rui Correia e a Câmara Municipal de Marvão, à data presidida por António Andrade, uma campanha de divulgação das construções tradicionais desta região, os chafurdões e as choças, no âmbito dum projeto FEDER, co-financiado pela Comunidade Europeia. Inventariaram-se nessa altura as construções destes dois tipos existentes no concelho e as coberturas de algumas choças dos Cabeçudos e Barretos foram revestidas com giestas. Por forma a promover estas construções tradicionais e sensibilizar os proprietários para a sua preservação pensou-se em erguer no primeiro recinto do Castelo de Marvão uma construção de cada um dos tipos. Depois de ouvido o parecer dos técnicos do IPPAR de Évora e em concordância com a Câmara Municipal optou-se por instalar as duas construções no jardim da Igreja de Santiago.

Como a técnica construtiva duma choça era obra fácil e conhecida da comunidade optou-se por se dar início primeiro à construção do chafurdão, cujo saber já se perdera há vários séculos. Por esse motivo, acompanhados pelos quatro pedreiros da Câmara Municipal, chefiados pelo saudoso Mestre Caldeira visitámos alguns dos chafurdões conhecidos na região nos quais se estudou a sua forma de construção.

Ia-se desenvolver uma verdadeira atividade de Arqueologia Experimental.

Recolhida a informação, escolheu-se o local para a sua implantação. Como a porta da quase totalidade dos chafurdões se abre para o quadrante nascente também aqui se pensou em replicar esse modelo. Contudo, como o principal acesso ao jardim se processa pelo lado norte, a porta abriu-se, então, para o lado que comunica com quem ao jardim se acerca. Após a abertura do alicerce que pouca profundidade tem,